

FEIRA AGROECOLÓGICA, PERMANÊNCIA EM PEQUENA CIDADE

Virgínia de Lima Palhares

Professora Dra. do Departamento de Geografia | IGC/Universidade Federal de Minas Gerais

palhares.vi@gmail.com

RESUMO: o processo de modernização da agricultura ocorrido a partir dos anos 1980 trouxe como consequências problemas socioambientais. Na atualidade tem havido uma reação a esse modelo produtivista, na tentativa de promover um desenvolvimento rural sustentável e, desse modo, resgatar os saberes tradicionais das práticas agrícolas desenvolvidas no rural. Propõe-se ver a feira livre como uma forma de resistência à modernização da agricultura e como ela é capaz de contribuir para a complementação da renda dos pequenos agricultores. Para isso, foram realizadas vivências na feira agroecológica Raízes do Campo, localizada no município de Jaboticatubas, Minas Gerais. Observou-se que há alternativas ao modelo moderno vigente no espaço agrícola e que os pequenos produtores têm interesse em contribuir para um desenvolvimento rural sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: agroecologia; feira livre; pequeno agricultor; lugar.

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, em que a homogeneização de culturas se torna cada vez mais comum, torna-se interessante verificar situações que dão certas especificidades às pequenas cidades. As feiras livres conferem identidade às pequenas cidades e as transformam em lugar de socialização, um lugar de encontro dos moradores. Este trabalho tem por objetivo identificar a feira livre como uma “geografia menor”¹ no cotidiano do espaço urbano e compreender o papel da feira agroecológica na permanência da identidade cultural dos moradores de pequenas cidades e na complementação da renda dos pequenos agricultores. De modo específico pretende-se caracterizar e verificar a importância da feira agroecológica Raízes do Campo em Jaboticatubas, Minas Gerais, como um instrumento de resistência da apropriação do urbano no rural.

Os caminhos metodológicos percorridos para o desenvolvimento deste trabalho abrangeram uma construção bibliográfica à medida que foi se tornando necessário refletir sobre a modernidade, as geografias menores e a valorização do *saber fazer* no rural. Os registros do diário de bordo foram úteis para compreender a lógica de preparo e realização da feira. Vivenciar a feira agroecológica como um *flâneur*, sem utilizar a racionalidade e, sim, a naturalidade durante

¹ Expressão cunhada para a geografia por Wenceslao Oliveira Júnior, inspirado em Ana Godoy quando discutiu em seu livro *A Menor das Ecologias*.

as caminhadas entre as barracas, foi fundamental para entender evidências próprias de uma ruralidade viva e espontânea na cidade de Jaboticatubas. A escolha do *flâneur* para constituir o caminho metodológico desta pesquisa ocorreu durante as leituras para a construção bibliográfica. Verificamos que Charles Baudelaire e Walter Benjamin utilizaram este termo para conhecer as particularidades da cidade. O poeta descrevia Paris através de observações realizadas como *flâneur*. Ele compreendia a ideia de flânar como “uma pessoa que anda pela cidade para experimentá-la” (BAUDELAIRE, 1996, p. 218), experienciá-la para deixar o fenômeno aparecer espontaneamente. De outro modo, podemos dizer que flânar “é ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto no mundo.” (BAUDELAIRE, 1996, p.221). Assim, o *flâneur* é um observador da vida pulsante da cidade moderna. Caminhar, observar, imaginar; esta foi nossa proposta. Caminhar na praça para experimentar a feira sem ser notada e nem guiada para poder exercitar o olhar crítico naquele momento festivo.

2. A DESCOBERTA DE UMA GEOGRAFIA MENOR

No período contemporâneo, tem se discutido muito sobre a globalização, fenômeno que Milton Santos (2002) abordou em suas reflexões, especialmente no que se refere à internacionalização do capital e seus rebatimentos na cultura dos lugares. Suas preocupações diziam respeito à inserção dos lugares no mundo globalizado sem, entretanto, impregnar-se da perversidade do capital. Em outras palavras, ele pensava como seria a “inserção dos lugares em uma rede de relações humanas de modo a valorizar a singularidade em meio à totalidade.” (RIBEIRO, 2012, p.1).

Porém, ao olhar para o lugar na perspectiva humanista, “seguro e familiar” (TUAN, 1983, p.5), enquanto expressão e produção de significados ao local, conseguimos nos aproximar não só da riqueza de valores econômicos, mas culturais e identitários, construídos pelos sujeitos, dia após dia. O lugar torna-se, nesta perspectiva, mais próximo de nós. Esta proximidade com as relações econômicas e culturais pode “criar a solidariedade, laços culturais e, desse modo, a identidade.” (SANTOS, 2002, p. 318). Essa identidade manifesta-se nos lugares através dos laços afetivos que vão sendo criados e apertados a partir da convivência entre as pessoas. Nesse contexto, a vida cotidiana se faz de aproximações, distanciamentos, afetos, desentendimentos. Ela se compõe de deslocamentos comuns, comportamentos, rotinas; é feita de experiências vividas pelas pessoas que se transformam, muitas vezes, em saberes.

Desse modo, “os lugares são pequenos mundos” (TUAN, 1983, p. 98) vividos, experienciados, que produzem sentido aos locais e expressam aspectos simbólicos de uma cotidianidade. O mundo existe nos lugares porque há vida nestes lugares. E para compreendê-los é necessário fazer uma leitura da vida cotidiana das pessoas que ali estão enraizadas com seus

costumes, seus hábitos, sua ancestralidade. Lugar, escala do indivíduo, onde as relações sociais ocorrem com maior evidência. Lugar, mundo, indivíduo; é pensar em um mundo vivido feito de lugares, experimentado por pessoas. É pensar em um espaço do acontecer solidário onde a cultura vai poder produzir suas peculiaridades, seu simbolismo.

Nesse espaço é possível se apropriar do conceito de “geografias menores” discutido por Oliveira Jr (2009) nas quais as imagens são o que nosso olhos educam. Isso quer dizer que devemos apurar nosso olhar para percebermos a riqueza cultural em detalhes existente nas escalas pequenas. As “geografias menores”

são como ilhas no entorno do continente da geografia maior, são potências de expansão desse continente e revela que são as primeiras aproximações desse continente para quem vem do oceano livre flutuante do pensamento. (OLIVEIRA JR., 2009, p. 19).

Assim, as pequenas cidades exprimem particularidades pouco identificáveis nos cotidianos das grandes cidades, como é o caso do estreitamento dos laços de parentesco e de amizade construídos durante o encontro em eventos culturais e sociais tais como a feira de rua. Podemos dizer que a vida cotidiana consiste na vida das pessoas. Ainda assim, há eventos esporádicos que ocorrem nas cidades que afastam provisoriamente a cotidianidade das pessoas. Estas deixam suas rotinas para participarem de festividades religiosas como procissões e quermesses; políticas, como campanhas, inaugurações; e culturais, como festivais de música, feiras de artesanato, feiras agroecológicas. Há, portanto, uma reinvenção de práticas já tradicionais na cidade por outras, eventuais, que dinamizam e criam novas espacialidades.

As feiras livres são um dos eventos identificados na cidade considerados como *geografias menores*, no sentido de resistência à homogeneização, à unificação do espaço e contém uma riqueza cultural muito grande.

Tais características culturais estão presentes nas feiras livres desde os primórdios, onde as relações comerciais se davam através dos excedentes, também serviam como uma forma de integração e aproximação de culturas e costumes entre diferentes povos e comunidades. (TAVARES, 2015, p. 7).

Durante a realização destas feiras, o espaço se afasta para o lugar e entra em cena trazendo consigo uma pausa no cotidiano. Tuan (1983) acrescenta que o local se transforma em lugar a partir do momento em que o espaço deixa de ser dinâmico e emerge a identidade, a memória, a cultura, a crença. Espaços tais como as praças, a partir do momento que relacionam vivências e experiências, e passam a ser dotados de valores e sentimentos, tornam-se lugares. Assim, a feira se transforma em uma pausa no movimento característico do espaço cotidiano. Por conseguinte, a feira é um lugar e faz a festa.

3. A FEIRA LIVRE FAZ A FESTA

A feira livre é uma expressão de uma “geografia menor”. É uma forma de resistência a esse fenômeno mundial conhecido como globalização, na qual ocorre uma homogeneização econômica, porém com rebatimentos na cultura. A modernidade se impõe trazendo outras práticas sociais para se sobreporem à urbanidade em vigor. Diante disso, a feira livre é uma forma de permanência de grupos locais, com suas peculiaridades e formas de viver de modo solidário.

Nas cidades menores espalhadas pelo interior, um dos lugares que encontramos em comum são as feiras livres. O cenário é o mesmo – pessoas se preparando para o encontro, feirantes, consumidores, barracas, produtos -, e o que muda é a produção local com suas características próprias.

Lefebvre (1991), em suas reflexões sobre a cidade, comentava que ela é um espaço de produção, de consumo, mas, segundo ele, este espaço também é ocupado por obras, construções e pelas festividades.

A própria cidade é uma *obra*, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos *produtos*. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro). (LEFEBVRE, 2001, p.4).

As feiras livres, enquanto espaço de celebração, se mantêm para pensarmos a cidade no período contemporâneo. Da mesma maneira que as festas, enquanto manifestações culturais e lugares de celebração, entendemos que as feiras livres são a própria festa. O espaço pensado como lugar no sentido festivo permite vê-lo como um espaço eclético, polissêmico, articulado pelos atores participantes. Um espaço de e para todos. Logo, as feiras livres podem ser vistas como um lugar onde ocorre um evento festivo.

E a festa pode ser compreendida como “um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes.” (GUARINELLO, 2001, p.972). Este é o sentido de feira como festa que estou atribuindo neste trabalho.

A frequência de ocorrência das feiras livres, quer seja semanal ou mensal, não impede as pessoas de experienciarem um espaço de certo modo, festivo, de encontro, de celebração. Elas possibilitam a criação de relações afetivas entre os frequentadores e os feirantes-produtores que podem se transformar, ao longo do tempo, em sólidos laços de identidade.

O lugar da feira livre é único; próprio de uma “geografia menor”, experienciada, vivida, onde se descobre pessoas dispostas a prostrar, cheiros, sabores e gostos que resistem em meio à modernidade. As cidades pequenas ou cidades locais, como Santos (1982) denominava, possuem, em sua espacialidade a condição de subsistência. São cidades locais para o autor porque, segundo ele, não devemos considerar o critério população em face de “incorrer no perigo de uma generalização perigosa.” (SANTOS, 1982, p.70). Qualidade, ao invés de quantidade. Por

isso, ele define cidades locais como um espaço mínimo para atender às necessidades básicas das pessoas contendo particularidades que contribuem para a criação de relações neste recorte espacial. Mas, aqui, prefiro chama-las de pequenas cidades, com características ainda rurais bem tradicionais, uma vez que se aproxima mais da diversidade e das relações entre as pessoas. São marcas do rural impressas em sua espacialidade: carroças, chapéus nas cabeças daqueles que ainda não desvincularam de seu uso para se proteger do sol, casas comerciais de produtos agropecuários, dentre outras.

Esta é, talvez, a maior riqueza deste lugar do que propriamente ser um circuito curto de comercialização. As cidades pequenas precisam ser abastecidas sobretudo pelos pequenos agricultores como forma de comercializar os excedentes de sua produção.

Entendemos que as feiras são, assim, um canal direto de comercialização de sua produção não havendo a intermediação de outras pessoas. E isso contribui para a construção de um desenvolvimento rural com base local e de forma endógeno, partindo da tomada de consciência e participação dos atores sociais locais em busca de um mundo melhor, justo e igualitário e, não propriamente, um desenvolvimento criado de “cima para baixo”, com escolhas que extrapolam a experiência e o conhecimento dos moradores.

O pequeno agricultor possui uma variedade de canais de distribuição para vender a sua produção e a sua escolha torna-se, neste caso, uma estratégia de comercialização. Dentre os canais de comercialização existentes para esta classe de produtores, os pequenos agricultores a venda direta ao consumidor é o canal mais adequado pois evita a intermediação e os preços dos produtos podem ser mais justos. Este canal de comercialização envolve algumas atividades como entregas a domicílio, lojas de produtores, vendas direta nas propriedades e nas feiras livres. Cabe destacar que neste circuito curto de comercialização todas as estratégias de comercialização possuem uma forma mais direta com o consumidor final garantindo o frescor dos produtos, diminuindo os custos da comercialização, favorecendo a aproximação entre feirantes e consumidores, proporcionando ao consumidor conhecer como os produtos são feitos e estimulando a troca de saberes.

4. FEIRA LIVRE, O QUE É?

A feira pode ser compreendida como

um espaço – um mundo – de percepções, sentidos e interações, no qual redes de educação, sociabilidades e culturas são tecidas, dominicalmente, por feirantes e fregueses, sujeitos sociais que se constroem trocando produtos, saberes, fazeres, estratégias de comprar e vender por melhor preço, risos, jocosidades, enfim, realizam a feira e constroem parí passu sua história. (LIMA & CÂMARA, 2010, s/n.).

A feira é uma atividade que remonta a Idade Média e foi criada, inicialmente em pequenos

grupos, para haver a troca do excedente da produção de uns com a necessidade de mercadorias de outros. Posteriormente a troca de mercadoria por mercadoria foi sendo substituída pela moeda e no entorno da feira iam sendo criados pequenos aglomerados humanos. A expressão “feira livre” se justifica porque havia incentivos dos governantes locais para os feirantes, dentre eles, a isenção de impostos urbanos. O sentido etimológico do termo feira deriva do latim *feriae* e possui basicamente dois significados: “dia de festa”, de alegria; e litúrgico, dia santo, dia de descanso, feriado. (CUNHA, 1992). Assim, a feira assume não só uma função econômica, mas religiosa, social, festiva. É um dia especial.

A feira livre é um evento onde a comercialização, na maioria das vezes, é de produtos perecíveis; ocorre periodicamente, em geral, em espaços públicos da cidade. A finalidade maior deste evento é fazer com que o produtor realize a venda direta de sua produção, garantindo ou complementando sua condição de vida.

A feira livre tem vida, é dinâmica, movimentada; representa uma diversidade sociocultural em cada local que ela existe. Cada feira tem suas particularidades, sua identidade própria. Contudo, pessoas de diversas camadas sociais se encontram, convivem, participam juntos de conversas, trocas e negociações.

É “um local de relações econômicas, sociais e culturais. Estas relações modificam o contexto histórico, bem como potencializam algum tipo de relação identitária entre seus atores.” (MODEL & DENARDIN, 2014, p.1). A feira, torna-se, então, um lugar comunitário, de organização social, onde poderão ser discutidas questões relativas à realidade do espaço urbano de vivência das pessoas de modo a se discutir um outro modelo de desenvolvimento, mais solidário, mais participativo.

5. RAÍZES DO CAMPO

Raízes do campo! Esta é a feira agroecológica de Jaboticatubas, cidade pequena localizada na franja metropolitana de Belo Horizonte-MG, e ainda preserva traços do rural em sua espacialidade. Sua estrutura urbana é própria de uma pequena cidade mineira - povo hospitaleiro, amável, culinária regional, fé, religiosidade, comunidades tradicionais. Estas características compõem a própria identidade cultural da cidade.

Esta é uma feira que se caracteriza por não apresentar uma lógica mercantil mas, antes de tudo, uma diversidade de produtos tradicionais desenvolvidos agroecologicamente e artesanalmente. A proposta dos pequenos produtores feirantes é atrair consumidores conscientes da necessidade de se envolver com a saúde ambiental não só do lugar como também do seu entorno. Esta feira mostra ao consumidor que este deve “olhar para o agricultor não apenas pela sua condição de colocar produtos no mercado, mas como um ator fundamental para a

manutenção de um sistema agroalimentar integrado à cidade.” (FERNANDEZ & CRUZ, 2016, p.314).

O uso de práticas agroecológicas é uma alternativa para os pequenos agricultores do município de Jaboticatubas resistirem no espaço rural diante da crescente apropriação do urbano no rural metropolitano, materializada pelos inúmeros loteamentos e condomínios horizontais fechados implantados em período recente. Na realidade, são enclaves construídos na paisagem rural, murados, causando segregação no seu entorno. Caldeira (2000) denominou estes condomínios de “enclaves fortificados” pois são privados, limitando seu acesso, embora tenham um caráter coletivo; seus muros, demarcam seus território excludente, possuem sistemas de monitoramento para entrada das pessoas com o motivo de garantir a segurança e tranquilidade aos seus moradores. Este é, de acordo com a autora, “o principal instrumento desse novo padrão de segregação espacial.” (CALDEIRA, 2000, p.211). Suas características básicas são

propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem as regras de inclusão e exclusão. (CALDEIRA, 2000, p.258).

Estes enclaves fazem parte da lógica de produção e reprodução do espaço periurbano também conhecido como franja metropolitana ou rurbar, espaço de transição entre o urbano e o rural onde se misturam atividades rurais e urbanas. Ainda que esta mistura envolvendo uso do solo não seja uma característica própria do periurbano porque se percebe de modo pontual práticas agrícolas em solo urbano ou a indústria no rural,

a intensificação dessa mistura é tamanha que dificulta a separação entre rural (ou agrícola) e urbano. Isso implica que a dinâmica periurbana tenha características próprias, daí consideramos a importância do periurbano muito mais pela sua dinamicidade do que pelo fato de ser um espaço rural ou urbano. (VALE & GERARDI, 2006, p. 237).

É a pressão do urbano nas bordas do rural; é a pressão do capital imobiliário sobre espaços ainda pouco ocupados. Esta situação repercute na alteração da atividade rural tradicional para uma ocupação do solo direcionada para atividades de lazer - pesque-pague, ecoturismo -, e de moradias de finais de semana.

A agroecologia, como reação ao modelo agrícola produtivista, é um campo de saberes práticos para uma agricultura mais sustentável, e uma ferramenta para instrumento que pode combinar os pequenos produtores ao espaço rural a subsistência e segurança alimentar das comunidades rurais. Pensar e colocar em prática um desenvolvimento rural sustentável com base local é complexo no que se refere a sua formação social, econômica, política e até mesmo nas práticas cotidianas. É pensar de modo holístico e agir de forma endógena. Contudo, se torna

possível quando as pessoas desejam resgatar os saberes tradicionais por intermédio de práticas agroecológicas.

o humano era dono do seu saber, a um tempo em que seu saber marcava um lugar no mundo e um sentido da existência... como sapateiros, alfaiates ou ferreiros; como músicos e poetas. À época dos saberes próprios. (LEFF, 2002, p. 36).

Neste contexto, percebe-se um maior envolvimento dos membros das famílias na atividade agrícola e uma complementação da renda deles. Verifica-se a venda direta da produção, a permanência e a valorização dos saberes locais e a conservação dos recursos naturais. Em síntese, estão juntos o tripé do desenvolvimento comentado por Sachs (1993). Segundo o autor, o desenvolvimento deve ser incluyente em termos sociais, sustentável sob a ótica ambiental e economicamente viável. Em outras palavras, o desenvolvimento deve se apoiar nas dimensões social, ambiental e econômica.

A feira Raízes do Campo tem demonstrado ser possível um desenvolvimento sustentável desde que haja interesse e dedicação dos atores – produtores, consumidores, sociedade civil, poder público - envolvidos no processo de produção e comercialização dos produtos no espaço urbano. Ali são estabelecidas relações de comercialização, portanto, econômicas, mas que não superam a tecitura das relações culturais e sociais, com o estabelecimento de laços afetivos e da socialização do *saber fazer*. (Fig. 01 e 02).

Figuras 01, 02: Feira Raízes do Campo (2015)



Fonte: AMANU

A feira teve início em 2012 quando a AMANU, uma associação sem fins lucrativos, fez uma pesquisa sobre a situação dos pequenos agricultores das comunidades rurais do município. Eles apontaram algumas deficiências e fizeram algumas constatações. A primeira delas refere-se ao mercado atacadista da Centrais de Abastecimento de Minas Gerais S.A. (CEASA). Apesar de possuir um espaço em sua área central dedicada ao pequeno produtor, denominada Pedra do Produtor, o predomínio é do mercado atacadista. Por isso, a CEASA não é um mercado indicado

para aqueles que possuem uma produção pequena ou diversificada. Outro aspecto a ser destacado é que muitos agricultores não participaram de políticas públicas direcionadas para a chamada agricultura familiar; a agricultura produzida no modo convencional possui altos custos e depende da compra de insumos industrializados; há diversidade de produtos feitos nas comunidades; os produtores têm necessidade de ter acesso a mais mercados e gostariam que esse acesso fosse de venda direta; não há produção com uso de agrotóxicos.

Diversos encontros comunitários foram realizados para planejar a implantação da feira livre, estabelecer parcerias e discutirem os problemas e as soluções serem encontradas de forma coletiva.

Cerca de vinte e oito famílias de agricultores agroecológicos participam da feira. Eles estão organizados de modo a preservar e resgatar o modo de produção de seus antepassados, mantendo, deste modo, a cultura regional quanto aos saberes no plantio agroecológico, consumo, culinária e artesanato – peças ornamentais de palha de coco macaúba e de milho. A feira ocorre nos segundos e quartos sábados de cada mês em uma praça central, ponto de encontro dos moradores. Além de comercializar os produtos, os pequenos agricultores podem trocar experiências em relação a outras formas de produzir de modo sustentável através de oficinas, encontros e conversas que ocorrem no lugar. Participam da feira agricultores de diversas comunidades² do município de Jaboticatubas, cada uma delas com seus saberes, suas riquezas, seus produtos.

Os produtos comercializados na feira são originários daqueles que tradicionalmente fazem parte da cultura alimentar regional – cana-de-açúcar, vacas leiteiras, mandioca, feijão, fava, arroz vermelho. São comercializados verduras e hortaliças tradicionais - beldroega e cansanção -, mudas, plantas medicinais, farinha de mandioca e de jatobá – rica, rapadura, melado, açúcar tradicional refinado no barro, melaço, queijo e requeijão, bolinho de feijão miúdo, caldo de cana, bolos e pães de macaúba. (Figs. 03 e 04).

² As comunidades rurais localizadas no município de Jaboticatubas envolvidas com a feira Raízes do Campo são: Capão do Berto, Espada, Xirú, Almeida, Barreiro, Capão do Sapé, Mato do Tição, Jardim das Oliveiras, Paciência, Maré Mansa, Sede, Capão Grosso, Vila de Santa Rita, Santo Antônio da Palma, São José da Serra.

Figuras 03 e 04: Produtos comercializados na Feira Raízes de Campo (2015)



Fonte: AMANU

Além disso, encontramos na feira a tapioca, mel, geleias, cachaça artesanal, docinho de pequi, pimenta de macaco, bolo de coco de macaúba com inhame e especiarias, rosquinha de rapadura, biscoito de polvilho assado com óleo de macaúba, rosca de mandioca, artesanatos tradicionais com palha e bambu e sabonete de *diquada* com coco macaúba; produto tradicional passado de geração em geração, produzido na comunidade Capão do Sapé. Não se utiliza soda na sua fabricação e seu uso é indicado para o banho e tratamento de doenças de pele. (Figs. 05 e 06). Todos estes produtos são disponibilizados na feira de acordo com o período natural de sua colheita.

Figuras 05 e 06: Produtos comercializados na Feira Raízes do Campo (2015)



Fonte: AMANU

Durante a feira Raízes do Campo são realizadas também outras atividades culturais, dentre elas, oficinas, rodas de conversa e shows. As oficinas são mais uma oportunidade para

aproximar o consumidor do produtor e para que ele agregue conhecimento e saibam como são feitos os produtos. Já foram realizadas diversas oficinas ministradas por agricultores e seus familiares envolvendo o artesanato, o plantio de morango e tomates em garrafas pet e o uso medicinal de plantas como a babosa. As rodas de conversa ocorrem sempre ao final da feira de modo que os feirantes também possam participar e estas consistem de temáticas específicas surgidas ao longo do mês ou algum convidado que vai conversar sobre alguma temática específica. Os shows de cantores, viola e causos são uma forma de dar dinamismo à tarde e prestigiar os artistas do lugar. O ciclo de vivências consiste de outra atividade que envolve os agricultores e pessoas interessadas em experimentar a vida no campo. Alguns dos agricultores manifestaram desejo de receber turistas de modo comunitário durante dois dias de modo que eles participem da rotina de sua família. Em geral, ocorre uma vivência por semestre. Trata-se de uma experiência muito interessante na qual o urbanita pode conviver com uma família de agricultores, se alimentar de produtos agroecológicos feitos no fogão a lenha e compartilhar seus conhecimentos durante seu tempo de permanência no espaço rural.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pequenas cidades têm e podem manter sua centralidade através da valorização de seu patrimônio maior: as pessoas. A feira livre enquanto uma *geografia menor* é uma das possibilidades de permanência dos pequenos agricultores em seus lugares de vida frente à voracidade do capital imobiliário materializado pelos loteamentos e condomínios fechados cujos interessados maiores são aqueles residentes na metrópole. A fuga do caos urbano, a busca de tranquilidade, de sossego, de aproximação com o rural visto como natureza pelo canto dos pássaros, pelo verde das árvores, pelo ruído das águas que correm ao cair na terra, transforma cada vez mais os municípios componentes do periurbano da metrópole.

Acreditamos que os saberes tradicionais, transmitidos de modo intergeracional, são um instrumento de resistência ao transbordamento do urbano no rural e manifestar a vida que existe nos lugares e a possibilidade de manter os jovens nas pequenas cidades com atividades relacionadas ao seu modo de vida. Este é um desafio para conviver com o atual modelo de desenvolvimento, verticalizado, sem a participação daqueles que vivem no lugar e mostrar e atrair a sociedade que é possível viver de modo mais justo e sustentável.

Os benefícios oferecidos pela realização de feiras livres agroecológicas tais como a feira Raízes do Campo são muitos. O mais importante deles é favorecer a organização social. É por intermédio da tomada de consciência de cada um dos pequenos agricultores da importância, do significado e da valorização de seu trabalho que se pode vislumbrar um mundo melhor, com um outro modelo de desenvolvimento rural, neste caso, sustentável e com base local, gerando renda

nas comunidades rurais e permitindo a sua permanência em seu lugar de vida. Ademais, torna-se possível realizar a diversificação da produção com oferta de produtos nas épocas adequadas ao calendário agrícola proporcionando uma vida saudável ao consumidor final.

Em consequência, teremos um ciclo curto no canal de comercialização, com venda direta dos produtos para evitar a ação dos intermediários e o pequeno agricultor determinar um preço justo de acordo com seu custo de produção.

No que diz respeito ao aspecto sociocultural, a praça se fortalece enquanto lugar do encontro, de fortalecimento da cultura do lugar, de lazer, conversas, confidências, lembranças. Cria-se uma relação de confidencialidade, de parceria entre consumidor e produtor, independentemente de sua classe social.

E na política, é notável que o poder público municipal perceba que há outras alternativas de desenvolvimento e que os pequenos agricultores têm interesse e competência para atuar na sustentabilidade do ambiente e, para isso, precisam de apoio das autoridades locais. Acrescente-se que pode haver, no médio e longo prazo, um fortalecimento e apoio das políticas públicas a serem executadas no município.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CALDEIRA, Teresa Pires do R. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

FERNANDEZ, Annelise Caetano Fraga & CRUZ, Sílvia Regina Oswald. A banana, o bananeiro e o lugar: a ressignificação de identidades territoriais a partir de mercados orgânicos e agroecológicos. **III Seminário "Alimentos e manifestações culturais tradicionais". II Simpósio Internacional "Alimentação e cultura: tradição e inovação na produção e consumo de alimentos"**. Vila Real-PT: Ed. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2016.

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. **Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. JANCÓS, I. & KANTOR, I. (orgs.). v.II. São Paulo: Ed. HUCITEC/EDUSP, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e desenvolvimento rural**. Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar. 2002.

LIMA, Tiago Charles & CÂMARA, Talita Marinho. Importância cultural da feira livre para a população do município de Parnamirim/RN. **Anais V Congresso Norte-Nordeste de pesquisa e inovação**. Maceió: Instituto Federal de Alagoas, 2010.

MODEL, P. & [DENARDIN, Valdir F.](#) Agricultura Familiar e a formação de circuitos curtos de comercialização através das feiras livres: o caso da Matinfreira - PR. **Encontro Internacional**

sobre **Gestão Empresarial e Meio Ambiente**, 2014, São Paulo. Anais do XVI Engema, 2014. v. 1. p. 1-14.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez. 2009.

RIBEIRO, Wagner da Costa. Globalização e Geografia em Milton Santos. **Scripta Nova**. Barcelona: Universidade de Barcelona, v. VI, n. 124, 2002.

SACHS, Ignacys. **Estratégias de Transição para o Século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. São Paulo: Studio Nobel/Fundação do Desenvolvimento Administrativo, 1993.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. Ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

TAVARES, Noaldo José Aires. A feira livre de Boqueirão: comércio, consumo no cariri paraibano. **XIV Simpósio Nacional de Geografia Urbana**. Fortaleza, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VALE, Ana Rute & Lúcia Helena de Oliveira Gerardi. Crescimento urbano e teorias sobre o espaço periurbano: analisando o caso do município de Araraquara/SP. **Geografia: ações e reflexões**.

Lúcia Helena de Oliveira Gerardi & Pompeu Figueiredo de Carvalho (org.). p.231-246, Rio Claro: UNESP/IGCE:AGETEO, 2006.